



Asset

Carta do Gestor

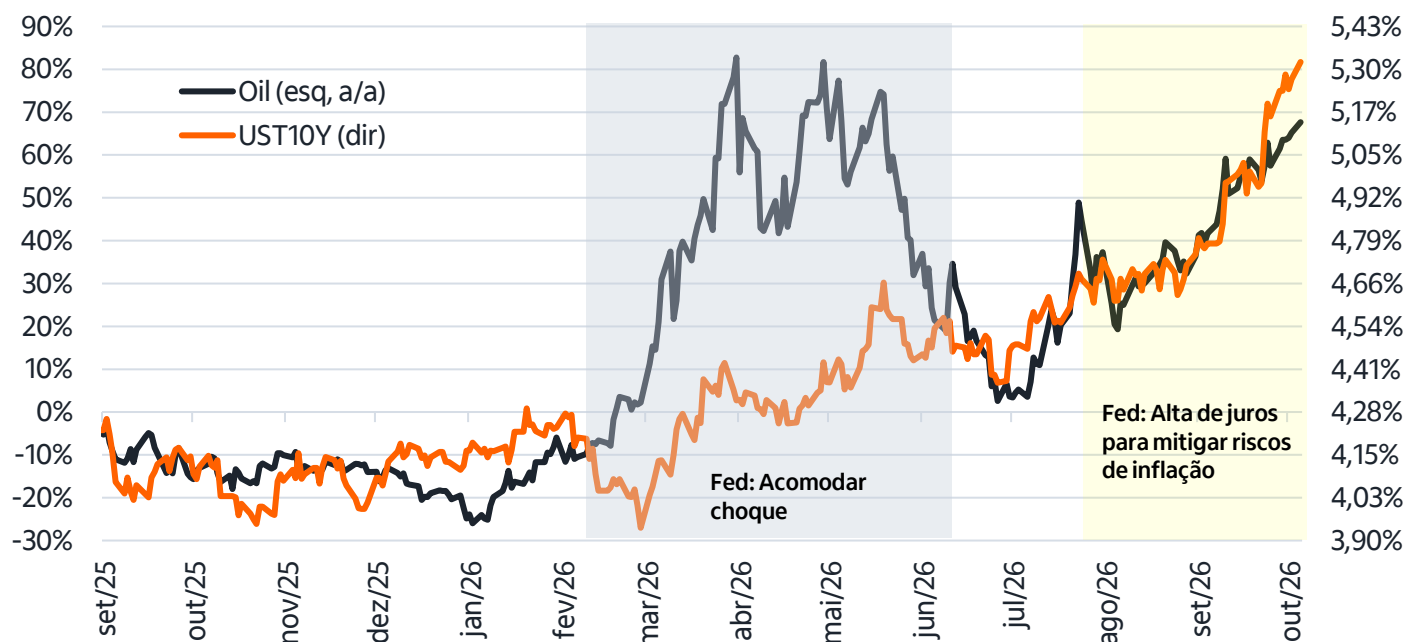
Itaú Janeiro

Setembro 2026

Cenário Internacional – Juros Longos

A alta dos juros longos americanos dominou os mercados no último trimestre. O movimento refletiu a combinação de três forças: a alta do petróleo, a continuidade do ciclo de investimento em inteligência artificial (IA), incluindo as emissões para financiar esse Capex, e a mudança de postura do Fed. O Fed deixou de acomodar mais um choque de oferta para ajustar a taxa de juros focando nos riscos para a inflação. Após essa mudança, os juros de 10 anos nos EUA seguiram a alta do petróleo (ver figura 1). A boa atividade e as condições financeiras estimulativas, ambas relacionadas ao ciclo de investimentos de IA, permitiram esse movimento.

Figura 1: Juros 10a US subiu com nova alta de petróleo e ajuste de política do Fed



Fonte: Itaú Asset, Haver, Bloomberg

Olhando um horizonte mais longo, a resiliência da atividade é o principal motivo da alta dos juros longos nos EUA. Acumulando as variações dos juros da *Treasury* de 10 anos ao redor de uma janela de três dias das divulgações¹ do *payroll*, *jolt* e *retail sales*, conseguimos explicar a maior parte da alta observada desde jan/2022 (ver figura 2). Da alta de 355 pontos-base para 5,25%, as janelas de divulgação de dados importantes de atividade responderam por 285 pontos-base. Isso sugere uma reavaliação dos investidores nos últimos anos do grau adequado de restrição da política monetária, com juro neutro mais alto e/ou atividade pedindo mais aperto monetário. Imigração alta até 2024, estímulos fiscais pós-pandemia e investimento de IA sustentaram a atividade e sugerem um período de juros mais elevado. Desses fatores, a imigração já se reverteu (próxima de zero ou negativa) e, do lado fiscal, este ano, o *tax rebate* foi modesto e seu efeito praticamente apenas compensou o gasto extra das famílias com a alta dos combustíveis. O ciclo de investimento em IA continuará forte e é o principal motor do PIB nos EUA e global (ver discussão abaixo). Note que a dívida pública não aparece como um fator importante nessa explicação.

¹Para uma referência desse tipo de estudo ver Hillenbrand (2025 - The Fed and the Secular Decline in Interest Rates Get access Arrow, The Review of Financial Studies)

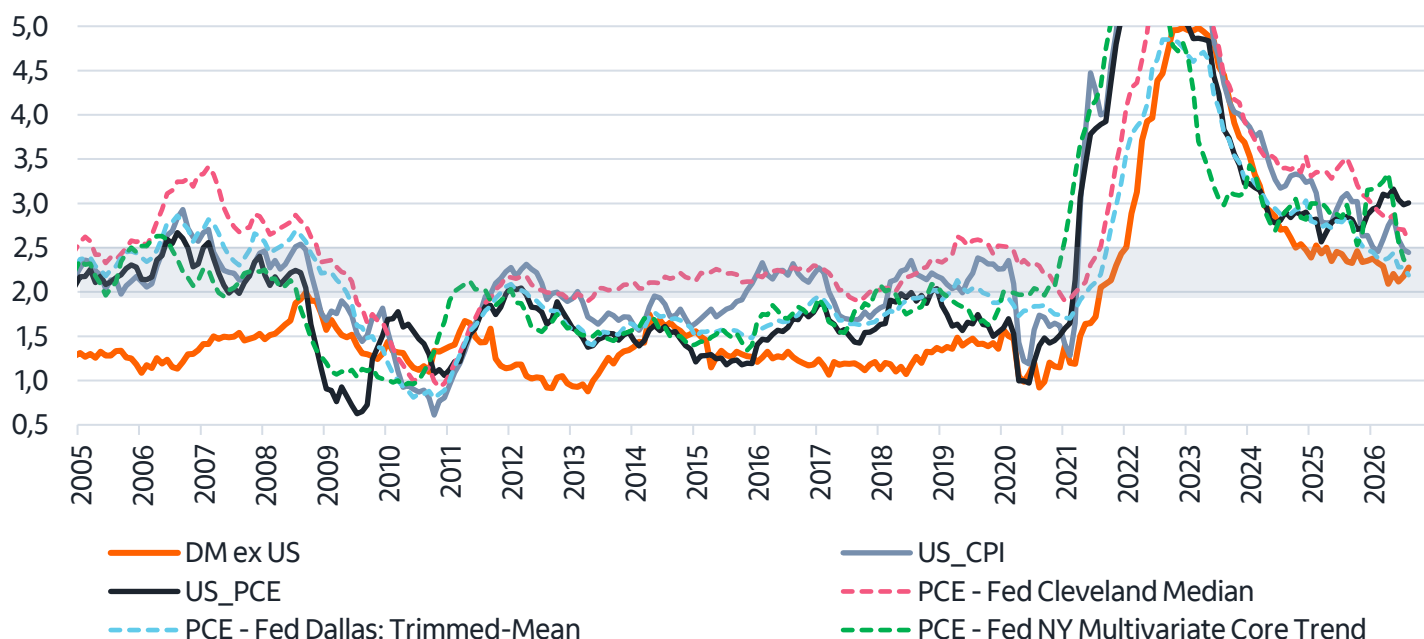
Figura 2: A alta dos Juros 10a (EUA) desde 2022 ocorreu, principalmente, ao redor da divulgação de dados atividade (com um descolamento de 50-75bps na ponta)



Fonte: Itaú Asset, Haver, Bloomberg

A alta de juros é acompanhada de uma narrativa de problema inflacionário persistente, da qual nós discordamos. O choque de petróleo (e seus derivados) certamente foi significativo e elevou a inflação. Mas os núcleos de inflação permanecem comportados, entre 2,0% e 2,5% na média dos países desenvolvidos e no CPI dos EUA (ver figura 3).. É verdade que o PCE, indicador no qual o Fed se concentra, está em 3,0%. Mas atribuímos essa diferença a fatores temporários e o PCE deve convergir para o CPI adiante. Note que outras medidas de tendência do próprio PCE estão mais próximas de 2,5% do que dos 3,0% (ver figura 3).

Figura 3 - Núcleos de inflação comportados mesmo com choque de petróleo



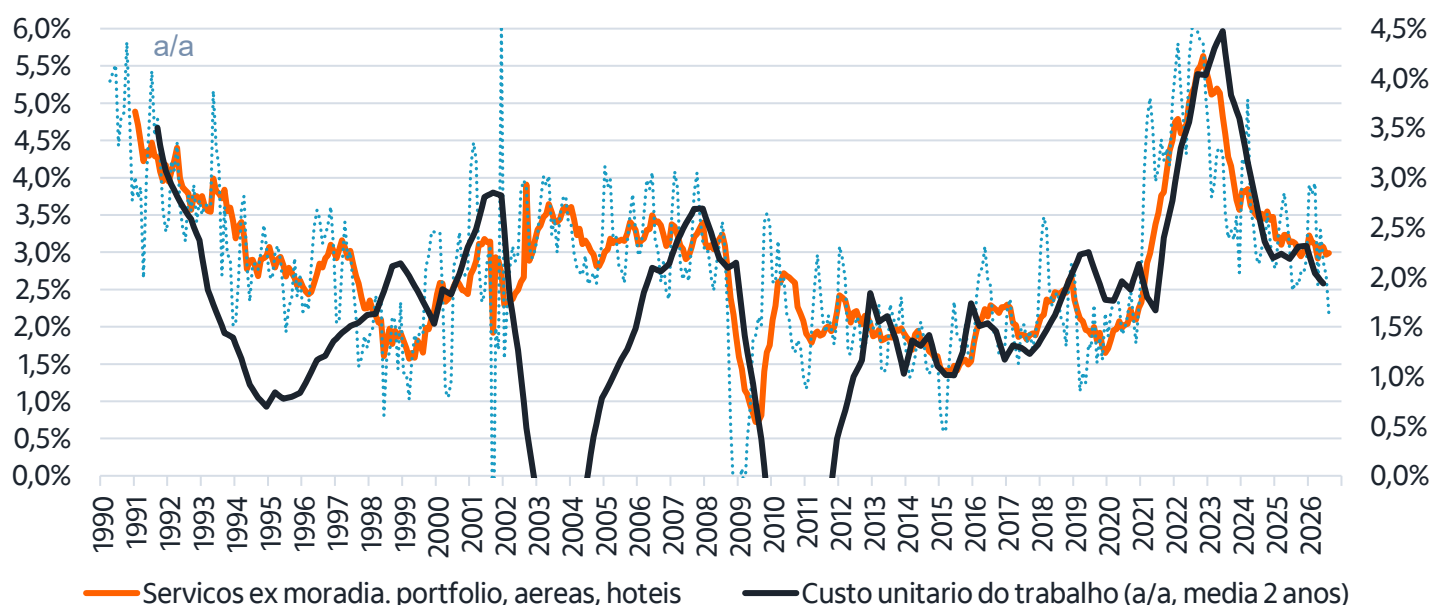
Fonte: Itaú Asset, Haver, Bloomberg

Com a identificação acima dos principais fatores para a alta de juros nos EUA, nossa avaliação é que parte da alta foi exagerada e que os juros devem recuar adiante. Notamos que, nos gráficos 1 e 2 acima, na ponta, os juros de 10 anos estão acima do sugerido pela alta do petróleo e dos dados de atividade. No caso da análise do gráfico 2, considerando a reprecificação dos juros de equilíbrio pela atividade, os juros estão 75 bps acima do sugerido pelos dados. Abaixo, discutimos que, à medida que o choque do petróleo *na inflação* passar, diminuindo assim o risco de inflação, e o ciclo de IA avançar, nós esperamos que os juros recuem, por exemplo, no título de 10 anos de 5,25% para 4,50%.

Em primeiro lugar, o preço do petróleo, apesar de níveis estressados, encontrou um equilíbrio próximo de US\$ 100 por barril. De um lado, os fluxos de exportações do Oriente Médio se recuperaram para aproximadamente 90% do nível anterior à guerra e preços elevados já provocam alguma destruição de demanda. Do outro lado, os estoques estão baixos, os custos de frete elevados e os riscos de novos ataques permanecem. Esses fatores ajudam a explicar por que o preço não recuou, mesmo com a melhora do fluxo. Nosso cenário é de estabilidade com viés de queda, condicionado à ausência de novos ataques ou interrupções de infraestrutura. Notamos que os derivados, especialmente o diesel, continuam próximos das máximas do ano, mas também mostraram alguma estabilização.

Em segundo lugar, o mercado de trabalho nos EUA é desinflacionário. A criação de emprego melhorou em comparação com 2025, mas está modesta, próxima do crescimento da oferta de mão de obra. A taxa de desemprego está em 4,2%, indicando um mercado de trabalho equilibrado. Mas os salários estão fracos, abaixo da inflação e da produtividade. Medidas de custo unitário do trabalho indicam que a inflação de serviços excluindo moradia e itens voláteis (portfólio, passagens aéreas e hotéis) deve recuar para 2,5% (ver figura 4). A participação da renda do trabalho no PIB está em queda, e a IA pode reforçar essa tendência (ver discussão abaixo).

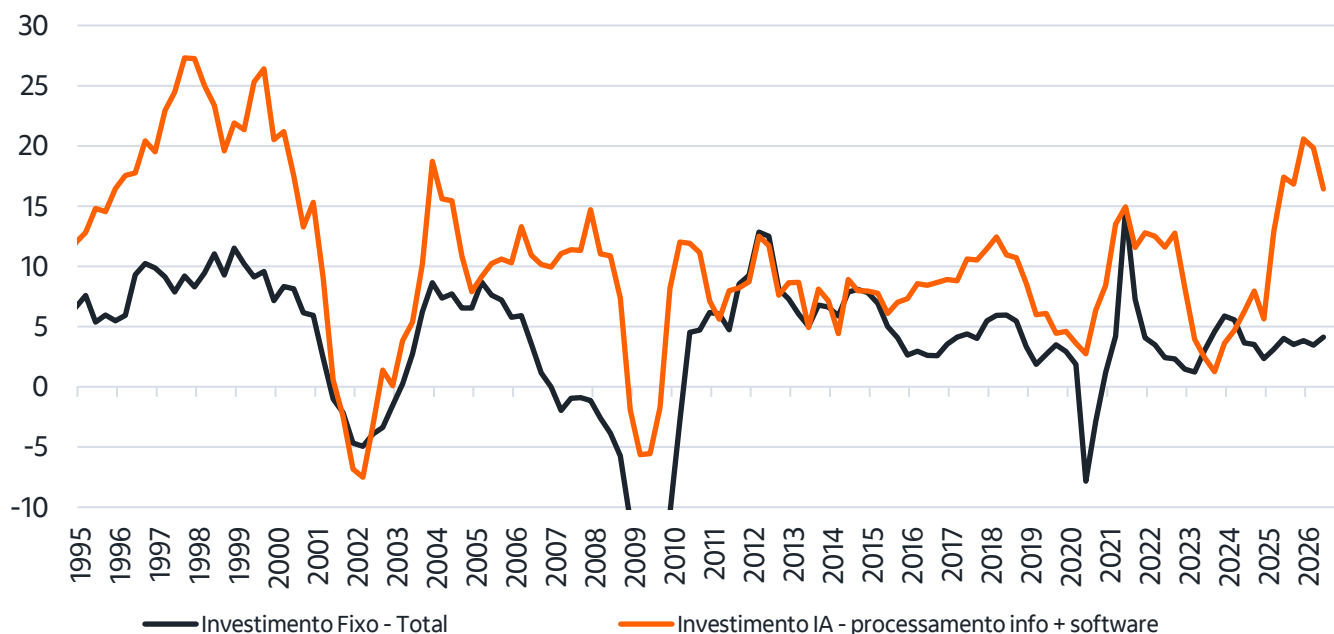
Figura 4: PCE Serviços (ex moradia, portfólio, aéreas, hotéis) vs salários (custo unitário do trabalho)



Com a estabilização do petróleo, núcleos de inflação comportados e alta de juros dos bancos centrais, a inflação deve recuar. A alta do petróleo começou em março deste ano, e sem uma nova alta relevante dos preços, seu efeito direto sobre a inflação tende a se encerrar em março de 2027. A alta de juros pelo Fed e por outros bancos centrais desenvolvidos está mantendo as expectativas ancoradas e mitigando efeitos de segunda ordem. O petróleo ainda sustenta a inflação corrente, mas sua contribuição marginal tende a diminuir, e a inflação tende a recuar de forma mais contundente no início de 2027.

A inteligência artificial continuará sustentando a atividade, mas é o único fundamento dinâmico da economia. O ciclo de investimento em nova tecnologia é excepcional, com estimativas de gastos equivalentes a aproximadamente 3,6% do PIB ao ano até 2032 nos EUA. Esse investimento, combinado ao efeito riqueza sobre o consumo, sustenta parte relevante do crescimento americano, enquanto investimentos residenciais e construções não relacionadas a data centers permanecem fracos. A composição do investimento é mais saudável do que, por exemplo, o boom imobiliário dos anos 2000. Mas o investimento total cresce abaixo de 5% ao ano, distante do ritmo de 10% observado durante o último boom de tecnologia, na segunda metade da década de 1990 (ver figura 5). O boom é intenso na cadeia de IA, mas não está disseminado por toda a economia.

Figura 5: Investimento em AI forte, mas investimento total modesto

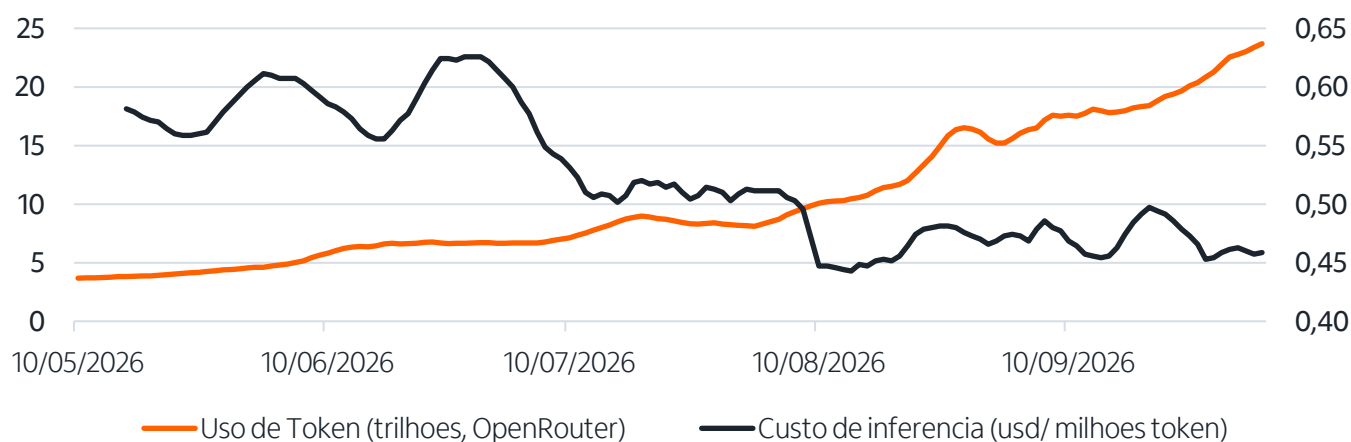


Fonte: Itaú Asset, Haver, Bloomberg

Adicionalmente, a passagem da fase de construção para a fase de uso da IA dá sinais de que está começando, o que alteraria seu impacto macroeconômico. Na fase inicial, o ciclo pressiona chips, memória, energia e estruturas físicas. Mais recentemente, duas evoluções nos chamaram atenção. Primeiro, o uso de tokens continuou aumentando, enquanto o custo de inferência caiu desde junho (ver figura 6). Isso sugere melhora da oferta e da eficiência, apesar da demanda forte.

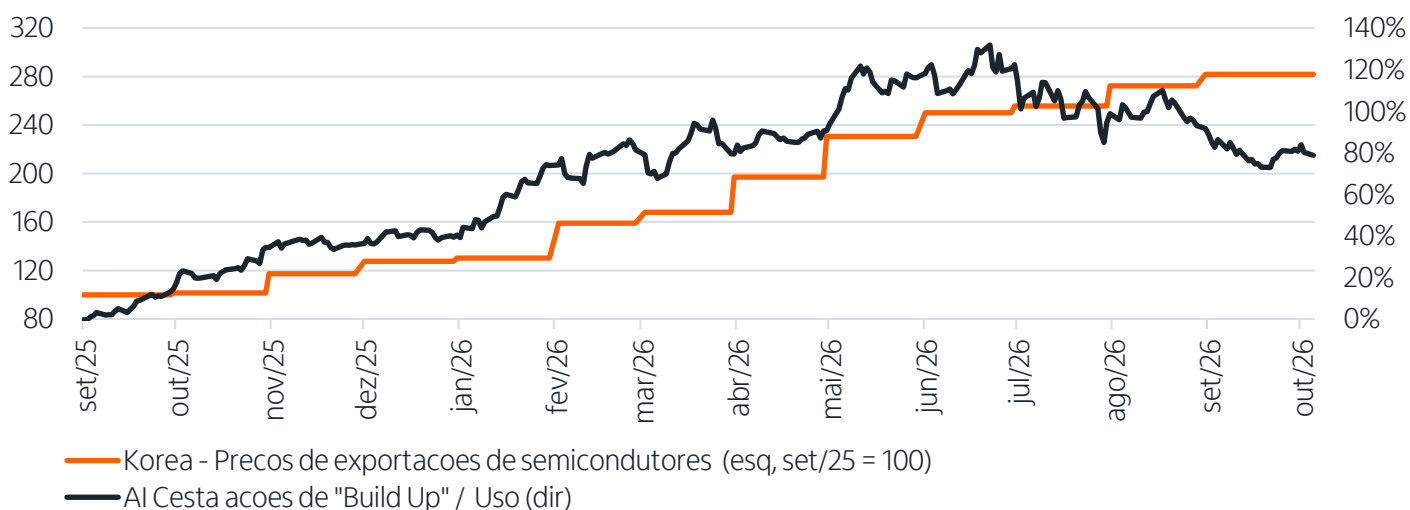
Segundo, começamos a ver uma estabilização do valor das cestas de ações que se beneficiam de investimento de IA (inflacionário), relativamente a cestas de ações que ganham com o uso de IA (desinflacionário). Algumas medidas de preço de semicondutores estabilizaram (ver figura 7). Não esperamos queda no preço dos chips e outros insumos da cadeia de IA, dado que a demanda por investimento continua elevada. Ainda assim, a estabilização dos preços de memória e semicondutores e a queda do custo por token indicam menor pressão inflacionária na margem. Com o avanço do uso, os ganhos de eficiência e produtividade podem tornar o ciclo menos inflacionário.

Figura 6: AI - Uso de *tokens* subindo, preço por *token* caindo



Fontes: UBS, Itaú Asset

Figura 7: AI pressão de *build up* estabilizando



Fonte: Itaú Asset, GS, MS, Bloomberg

Vale ressaltar que o modo pelo qual os retornos do investimento em IA ocorrerão ainda é incerto e tem implicações importantes. Estimativas sugerem que o setor de IA precisaria gerar receitas próximas de 10% do PIB até 2032 para remunerar o capital investido². Esse retorno pode vir de crescimento do PIB mais forte, redistribuição de lucros entre empresas e setores ou redistribuição de renda entre capital e trabalho.

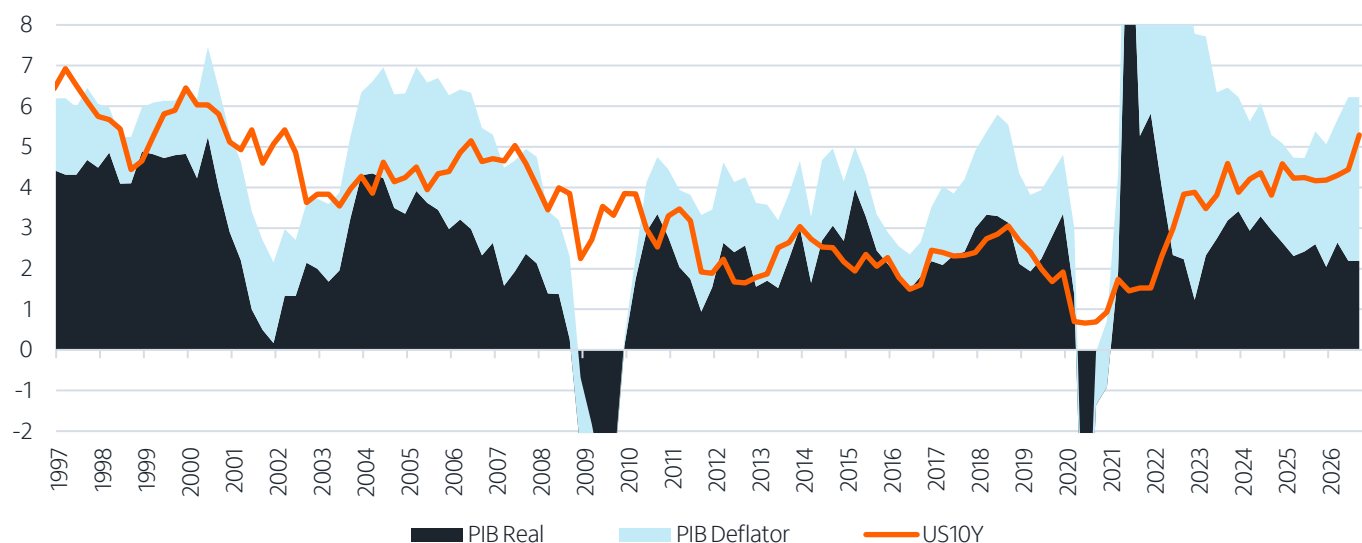
²Ver por exemplo, Stijn Van Nieuwerburgh (2026, Financing the AI Buildout, Brookings Papers on Economic Activity)

Por enquanto, a produtividade parece ter se elevado para ao redor de 2% a.a., o que é bom, mas ainda aquém de gerar uma aceleração expressiva do PIB. Adicionalmente, esse aumento da produtividade ocorre no retorno do capital e não no trabalho, o que explica uma dinâmica de salários benigna. No geral, os benefícios do uso de IA permanecem concentrados nas maiores empresas. Se os ganhos de IA vierem principalmente de redistribuição de lucros entre setores e com redução da parcela de renda do trabalho, o efeito macro tende a ser desinflacionário.

Por fim, o nível atual do Treasury de 10 anos exige crescimento do PIB nominal

persistentemente elevado. O PIB nominal dos EUA no 2T26 foi de 6,3% a/a (e 8,5% t/t anualizado), combinando crescimento real de 2,2% a/a e deflator de 4,0% a/a, este último impulsionado pelo petróleo, tarifas e aumento de preços do investimento em IA. Com esses choques temporários se estabilizando, o deflator tende a recuar para abaixo de 3,0%, levando o PIB nominal para entre 5% e 5,5%, caso o crescimento real permaneça próximo de 2,0%. Manter o PIB nominal em 6% exigiria uma aceleração relevante da produtividade, que ainda não ocorreu. Sem isso, juros ainda mais altos parecem pouco prováveis. Um PIB nominal ao redor de 5,0%, como esperamos adiante, seria mais consistente com um Treasury de 10 anos de 4,5% do que com os níveis recentes.

Figura 8: Juros EUA 10a vs PIB nominal (real + deflator, a/a)



Fonte : Bloomberg, Itaú Asset

A política monetária continua sendo parte importante da explicação para os juros atuais. Para o Fed, nosso cenário-base é pular a reunião de outubro, apoiado por revisões baixistas da inflação e por um mercado de trabalho equilibrado. Esperamos mais uma alta em dezembro e manutenção em 2027. Cenários alternativos incluem um ciclo total com três ou quatro altas, caso a inflação não recue ou a economia acelere de forma relevante. Na Zona do Euro, cujo ajuste está mais avançado, esperamos apenas mais uma alta em dezembro para 2,75%. Já na Inglaterra e no Canadá, que optaram por esperar ao máximo uma possível resolução do choque de energia, dada a situação local do mercado de trabalho, antevemos também mais duas altas de juros em cada, com terminais em 4,25% e 2,75%, respectivamente.

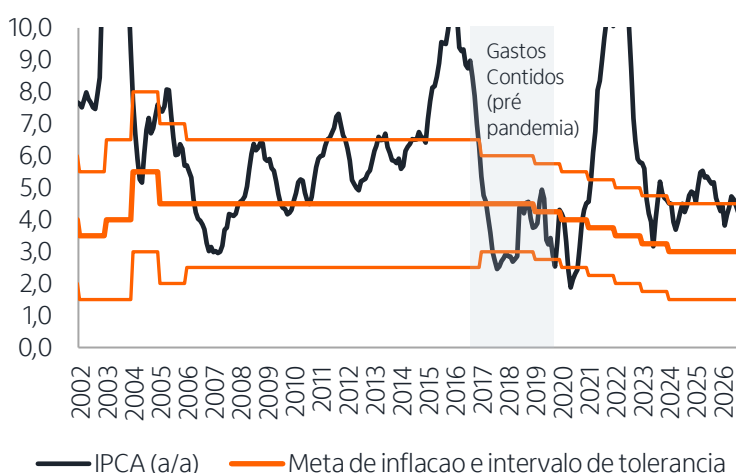
Cenário Brasil – Mudança de política econômica

O resultado do primeiro turno da eleição aumentou a chance de uma mudança de direção na política econômica. O candidato da oposição chegou na frente no primeiro turno da corrida presidencial e a direita teve forte desempenho na eleição para o congresso e para os governos estaduais. O cenário-base passou a ser de mudança, com vitória da oposição na eleição do segundo turno.

Apesar da falta de detalhes, as indicações são de um ajuste fiscal e de reformas para reduzir distorções na economia e estimular a participação do setor privado. Se implementada, essa direção de política econômica deve reduzir a pressão na demanda agregada vinda da expansão de gastos públicos e reduzir o prêmio de risco fiscal, o que pode ser o início de um novo ciclo de crescimento liderado pelo setor privado e pela produtividade.

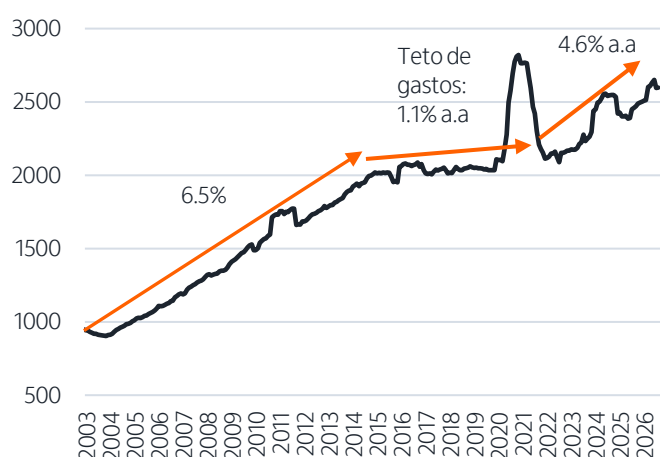
Um ajuste fiscal deve gerar um equilíbrio macro que mostrará o benefício completo da meta de inflação de 3,0%. Nos últimos anos, apesar da expansão fiscal, de políticas de crédito e vários choques, o IPCA oscilou próximo do intervalo de tolerância da meta de inflação (ver figura 9). Isso demonstra a ancoragem de uma meta de inflação baixa, alinhada com o resto do mundo. Alguns críticos argumentam que isso vem com o custo de juros reais elevados. Essa crítica é equivocada. O juro real é elevado não porque a meta de inflação de 3% é baixa, mas pela necessidade de contrapor outros vetores de demanda, notadamente o impulso fiscal dos últimos anos. Essa expansão de gastos, bem superior ao crescimento do PIB, demandou do banco central uma política monetária extremamente restritiva. Uma vez corrigida a pressão fiscal, os juros devem cair de forma importante. No período em que vigorou o regime fiscal do Teto de Gastos, que se propunha a limitar o crescimento do gasto público à inflação passada (entre 2017 e 2022, ver figura 9), a inflação oscilou em linha com outros países emergentes, permanecendo inclusive na metade de baixo do intervalo de tolerância da meta no período anterior à pandemia (ver figura 9). Durante a pandemia, a inflação no Brasil subiu, mas, diferentemente de outros choques, como 2002 e 2015, subiu em linha com outros países emergentes (ver figura 10).

Figura 9 - IPCA deve se aproximar da Meta....



...com gasto fiscal moderado

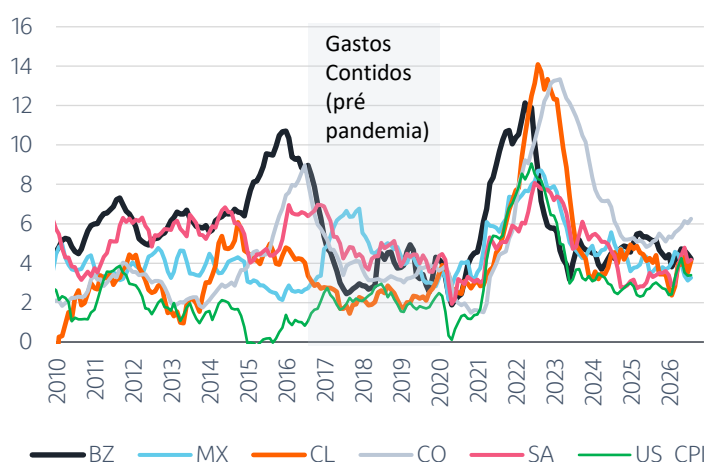
(gasto primário governo federal, 12m, preços de 2026, R\$ bilhões)



A comparação internacional demonstra claramente o espaço para queda dos juros no Brasil

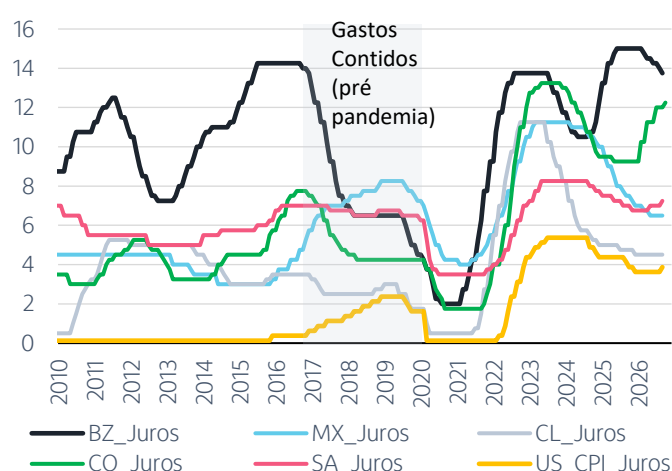
A postura do Banco Central contribui para a inflação no Brasil ser semelhante aos países emergentes similares. Mas os juros no Brasil ainda são muito mais altos (ver figura 10). Novamente, atribuímos isso ao regime fiscal. Um ajuste fiscal deve consolidar uma inflação baixa e juros similares ao padrão global. O período de 2017-2022 é ilustrativo. Com gastos contidos, a Selic ficou abaixo dos juros de países como México, África do Sul e Colômbia (ver figura 10). A partir de uma mudança na política econômica, uma Selic abaixo de 10% nos parece o cenário provável.

Figura 10 - Inflação Brasil convergiu para global....



Fonte: Itaú Asset, Haver

...e, com fiscal contido, juros também irão convergir



No curto prazo, esperamos que o Banco Central seja conservador na condução da política monetária.

Nos próximos meses, a inflação deve ser pressionada pelo efeito do El Niño em alimentos e um ajuste no preço dos combustíveis (com possível revisão dos subsídios). O Banco Central também deve aguardar a confirmação das mudanças que discutimos acima e observar uma reancoragem das expectativas de inflação. Assim, esperamos que o Copom continue com cortes de 25 bps no 4T26 e, possivelmente, no início do 1T27, a depender da velocidade do processo de ajuste. Após essa janela de curto prazo, de pressão sobre a inflação, e caso se consolide um novo regime fiscal, a redução da Selic poderá ser mais rápida.

Principais alocações no final do terceiro trimestre de 2026

Mantivemos um viés aplicado em juros. Nesse aspecto, nosso diagnóstico permanece semelhante ao apresentado na carta do 2T26. Apesar da resiliência da atividade global e do choque recente nos preços de energia, os núcleos de inflação permaneceram comportados na maior parte das economias. Como discutimos nesta carta, essa avaliação se aplica inclusive aos Estados Unidos.

Entre as economias desenvolvidas, seguimos com preferência por posições aplicadas na curva americana, onde os juros mais subiram nas últimas semanas. Um mercado de trabalho menos dinâmico, com criação de vagas próxima de zero e crescimento salarial moderado, sugere que o mercado ainda embute uma precificação excessiva para o ciclo do Federal Reserve, atualmente entre 100 e 125 pontos-base.

30 de setembro de 2026

Colômbia e Hungria seguem em destaque diante de mudanças políticas importantes. Apesar do desempenho negativo dos títulos colombianos desde nossa última carta, acreditamos que o novo governo tem sido transparente ao reconhecer a real situação das contas públicas. Aguardamos com otimismo o projeto de lei que propõe um ajuste fiscal de aproximadamente 2% do PIB para 2027. Uma política fiscal mais equilibrada deve limitar a necessidade de novas altas de juros pelo BanRep, abrindo espaço para o início de um ciclo de cortes já a partir do segundo trimestre de 2027. Na Hungria, o banco central oficializou uma nova meta de inflação de 2,5% a partir de 2028. Paralelamente, segue avançando na agenda de reformas voltadas à adoção do euro no médio prazo. Esse processo continua justificando a compressão dos spreads dos juros locais em relação aos mercados da Europa e do Leste Europeu.

No México, vemos pouco espaço para cortes adicionais de juros. O início do ciclo de aperto monetário pelo Federal Reserve, combinado com uma atividade doméstica mais forte nos últimos meses, sugere que o Banco Central do México manterá os juros. Além disso, o aumento da volatilidade e a depreciação relevante do peso mexicano devem contribuir para uma postura mais cautelosa do Banxico no curto prazo.

No Chile, iniciamos uma posição aplicada na barriga da curva de juros nominal. A fraqueza na atividade continua e projeções de PIB para 2027 parecem otimistas. A safra de dados fracos de atividade continuou desde a nossa última carta, com desemprego ainda em alta e *mineração dando sequência* às decepções. Importações de bens de capital não retomaram a alta observada em 2025 e, em nossa visão, questionam o otimismo com o investimento para o ano que vem. Com expectativas de inflação ancoradas e um ciclo de alta razoável já implícito na curva, aplicamos juros nominais de prazo intermediário.

Na África do Sul, observamos melhora nas expectativas de inflação capturadas pela pesquisa BER. Acreditamos que o SARB não precisará elevar os juros além do que já está precificado pela curva, o que favorece posições aplicadas ao longo da estrutura a termo.

No mercado de câmbio, com exceção do real, seguimos operando com flexibilidade em torno do dólar. O início do ciclo de altas de juros pelo Federal Reserve em setembro contribuiu para o fortalecimento da moeda americana ao final do trimestre. Ainda não está claro, porém, se esse movimento terá continuidade, especialmente se o ciclo de afrouxamento monetário se mostrar mais curto do que o atualmente esperado. Nesse contexto, mantemos preferência por moedas asiáticas, beneficiadas pelo ciclo de investimentos em inteligência artificial, em detrimento de moedas de economias desenvolvidas com juros mais baixos.

No Brasil, mantivemos alocação aplicada em juros nominais, mas em tamanho mais cauteloso do que nos meses anteriores, por conta da volatilidade esperada durante o processo eleitoral. Por conta da liquidez e da possibilidade de utilizar instrumentos de perda limitada, trocamos parte da posição aplicada em juros nominais por compra de real contra o dólar americano e o euro.

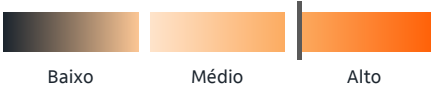
Seguimos construtivos com ações internacionais, especialmente nos EUA e na Ásia. O ciclo de investimentos e lucros impulsionado pela inteligência artificial continua sólido, sustentando nossa visão positiva. Mantemos exposição a empresas que consideramos beneficiárias estruturais dessa tendência, como TSMC, Amazon, Meta e outros participantes relevantes da cadeia de semicondutores. Ao final de junho, adotávamos uma postura mais seletiva, com um portfólio mais diversificado e maior exposição ao setor financeiro. A forte correção observada em julho nos permitiu aumentar posições ligadas ao tema de IA em níveis de preço que consideramos mais atrativos.

No mercado doméstico, passamos a ampliar gradualmente nossa exposição por meio do mercado de opções, refletindo nossa visão de que o cenário eleitoral de 2026 pode criar uma assimetria favorável para ativos brasileiros.

Objetivos do Fundo

Fundo Multimercado Macro que atua no mercado brasileiro e internacional, buscando entregar retorno absoluto ao investidor em qualquer cenário econômico. O time de gestão, com sólida formação macroeconômica, se dedica a identificar relevantes temas de investimentos ainda no seu início de ciclo, combinando análise macroeconômica com acompanhamento de indicadores técnicos de mercado. A dedicação a uma análise detalhada sobre a origem dos resultados obtidos (estratégia e implementação), assegura uma profunda compreensão da forma como o alpha é gerado e é essencial para alcançar retornos consistentes no longo prazo.

Termômetro de Risco



Rentabilidade do Mês

0,98 %
90,9% do CDI
CDI - 0,10%

Rentabilidade do Ano

6,49 %
61,8% do CDI
CDI - 4,02%

Rentabilidade dos últimos 12 meses

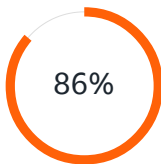
9,50 %
65,6% do CDI
CDI - 4,98%

Rentabilidade desde o início do fundo (29/09/2023)

50,45 %
114,6% do CDI
CDI + 1,66% a.a.



Meses em que esteve acima do benchmark



Meses de retorno positivo do fundo

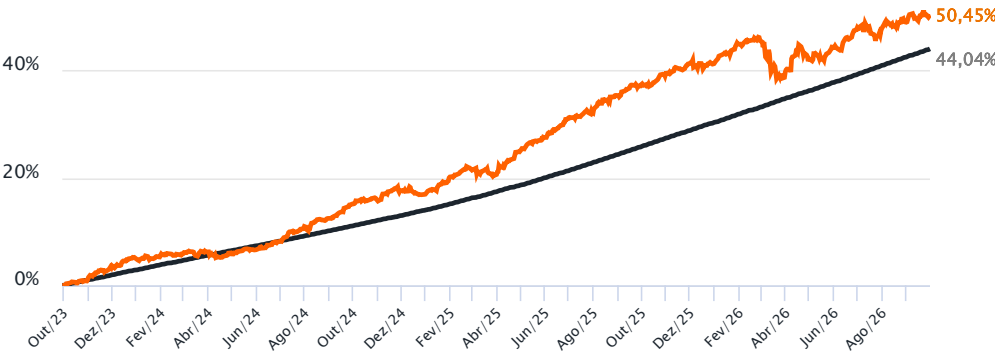
0,41
Índice Sharpe¹

4,02%
Volatilidade desde o início do fundo (29/09/2023)

Retorno Acumulado

Data de início do fundo
29/09/2023

Itaú Janeiro MM
CDI

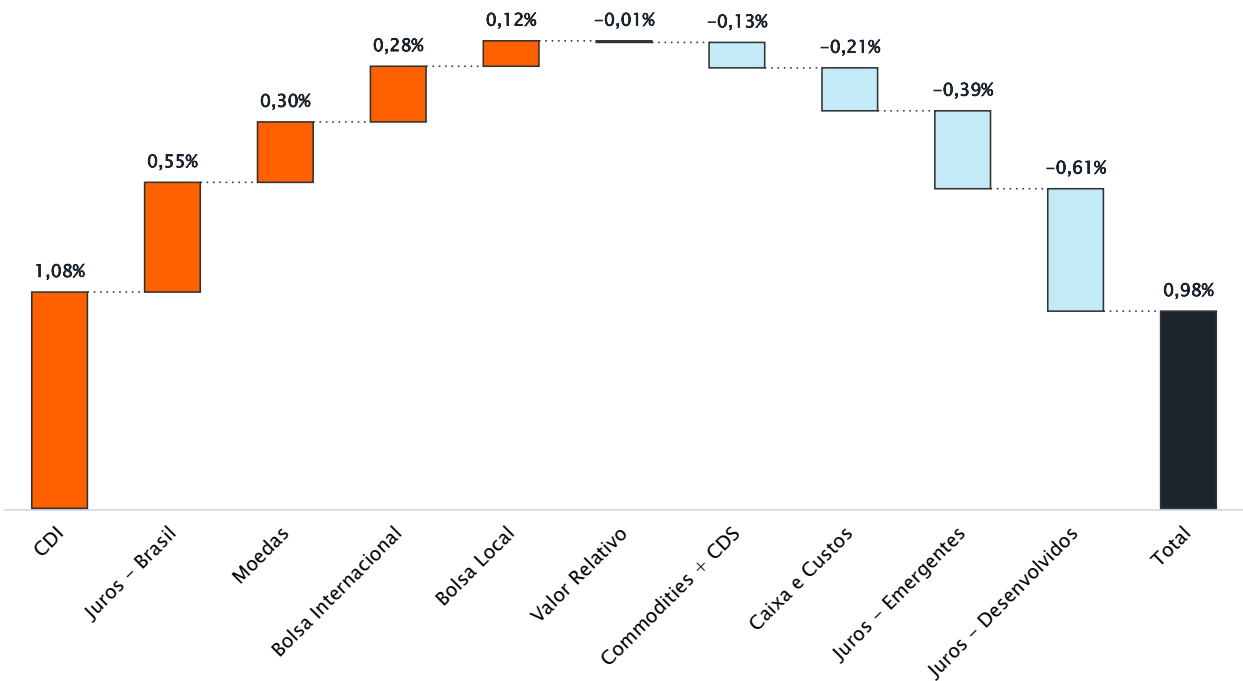


Retorno Mensal

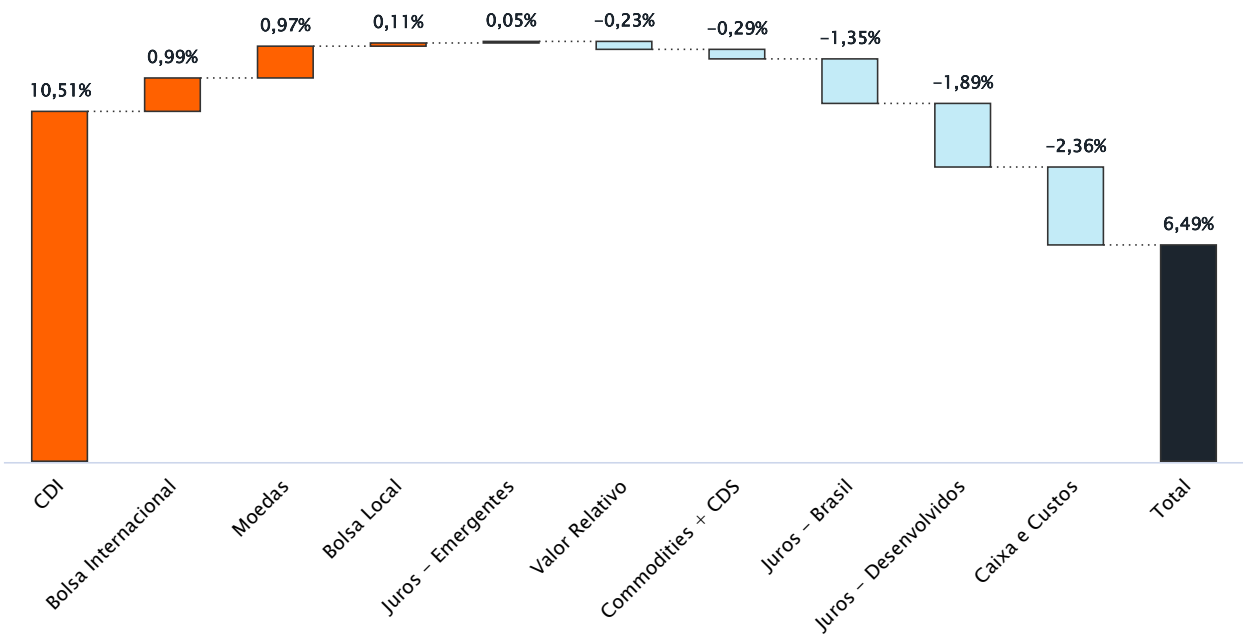
		Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Ano
2026	Fundo	2,58%	0,45%	-4,03%	1,79%	1,52%	2,49%	-0,09%	0,78%	0,98%	-	-	-	6,49%
	CDI	1,16%	1,00%	1,21%	1,09%	1,07%	1,12%	1,22%	1,09%	1,08%	-	-	-	10,51%
	%CDI	221,2%	45,1%	-332,6%	164,4%	142,1%	222,0%	-7,6%	71,7%	90,9%	-	-	-	61,8%
	+/- CDI	1,41%	-0,55%	-5,25%	0,70%	0,45%	1,37%	-1,31%	-0,31%	-0,10%	-	-	-	-4,02%
2025	Fundo	2,75%	1,05%	-0,66%	3,65%	1,99%	2,86%	0,69%	2,50%	1,49%	1,51%	1,26%	0,04%	20,78%
	CDI	1,01%	0,99%	0,96%	1,06%	1,14%	1,10%	1,28%	1,16%	1,22%	1,28%	1,05%	1,22%	14,31%
	%CDI	272,3%	106,2%	-68,7%	345,3%	174,6%	261,3%	53,7%	214,6%	122,3%	118,3%	119,3%	3,4%	145,2%
	+/- CDI	1,74%	0,06%	-1,62%	2,59%	0,85%	1,77%	-0,59%	1,33%	0,27%	0,23%	0,20%	-1,18%	6,47%
2024	Fundo	0,36%	0,31%	0,30%	-0,35%	0,74%	1,40%	2,63%	1,35%	2,40%	0,60%	1,52%	-0,55%	11,19%
	CDI	0,97%	0,80%	0,83%	0,89%	0,83%	0,79%	0,91%	0,87%	0,83%	0,93%	0,79%	0,93%	10,87%
	%CDI	37,2%	38,2%	35,6%	-40,0%	89,2%	178,0%	289,5%	156,2%	288,0%	64,8%	192,0%	-59,6%	102,9%
	+/- CDI	-0,61%	-0,50%	-0,54%	-1,24%	-0,09%	0,62%	1,72%	0,49%	1,57%	-0,33%	0,73%	-1,48%	0,31%

Notas: (1) Índice Sharpe é a métrica que avalia o desempenho de um investimento levando em consideração o risco incorrido no período. Calcula-se dividindo o retorno excedente do fundo (rentabilidade acima do CDI) pela volatilidade. Quanto maior o índice, melhor a relação entre risco e retorno.

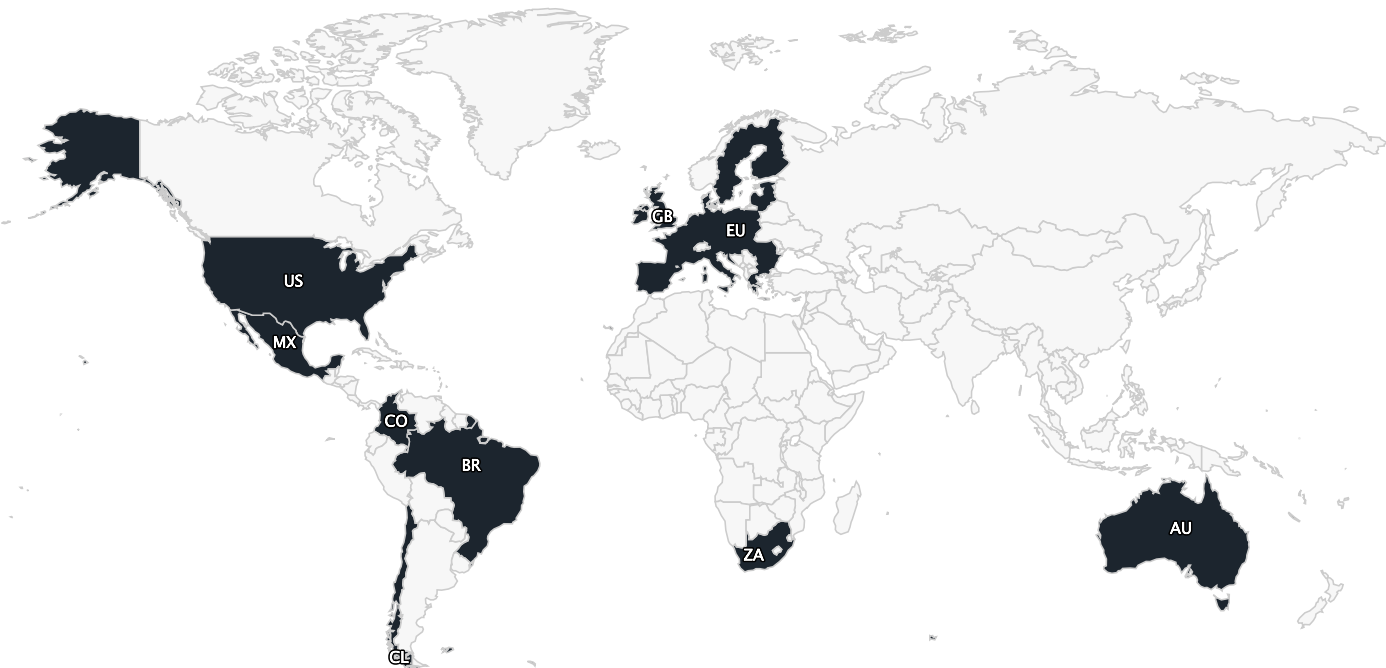
Atribuição de Performance Mensal



Atribuição de Performance Anual



Alocação relevante por região (últimos 6 meses)²

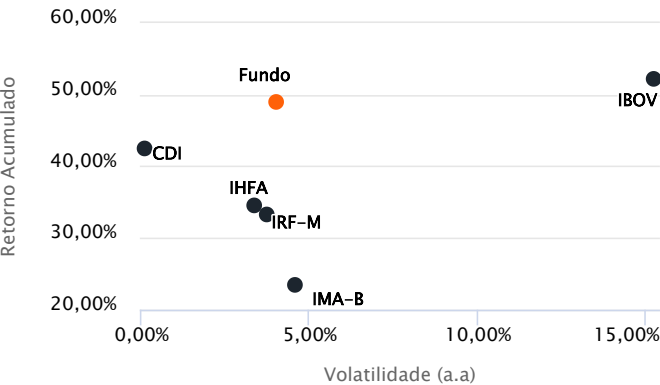


		Juros	Moedas	Inflação	Renda Variável
América do Norte	Estados Unidos (US)				
	México (MX)				
América do Sul	Brasil (BR)				
	Chile (CL)				
	Colômbia (CO)				
Europa	Reino Unido (GB)				
	União Europeia (EU)				
Oceania	Austrália (AU)				
África	África do Sul (ZA)				

Notas: (2) O gráfico considera a média do patrimônio líquido (PL) dos últimos 6 meses para determinar a relevância das alocações por região. A classificação de relevância segue os seguintes critérios mínimos de participação no PL médio: Juros (50% do patrimônio líquido equivalente ano bruto), Moedas (1% do patrimônio líquido), Renda Variável (5% do patrimônio líquido bruto) e Inflação (25% do patrimônio líquido equivalente ano). Alocações abaixo desses limites não são exibidas por não atenderem ao critério de relevância estabelecido.

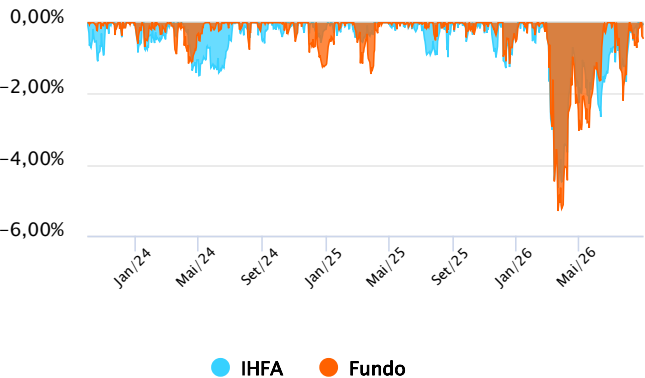
Risco Vs Retorno (desde o início) ³

Defasagem de 30 dias devido à divulgação do IHFA.



Drawdown ⁴

Queda do fundo em relação à sua cotação máxima. Defasagem de 30 dias devido à divulgação do IHFA.



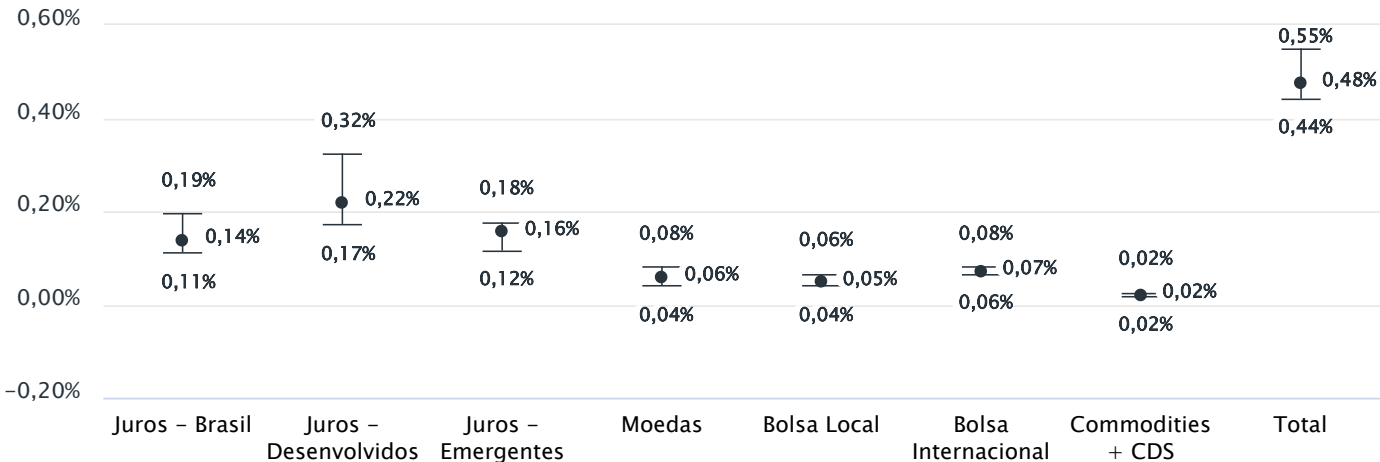
Histórico de VaR ⁵

Perda máxima estimada em um dia com 95% de confiança



VaR por classe de ativo ⁵

Perda máxima estimada em um dia com 95% de confiança
As barras e pontos representam o mínimo, máximo e médio ao longo do mês



Notas: (3) O gráfico de Risco Vs. Retorno apresenta a relação entre a volatilidade anualizada e o retorno acumulado desde o início do fundo, em comparação com índices de mercado como CDI, Ibovespa, IHFA, IMA-B e IRF-M. (4) O gráfico de Drawdown serve para acompanhar a magnitude de um retorno negativo após o investimento ter atingido seu nível máximo e o tempo que foi preciso para que o investimento voltasse a atingir seu nível mais alto novamente. De maneira geral, investimentos que apresentam um menor Drawdown tendem a entregar um maior retorno ao investidor no longo prazo. (5) A metodologia de cálculo de risco VaR (Value at Risk) busca dimensionar o nível de perda diária que o fundo terá em até 95% dos dias. Essa metodologia utiliza dados históricos de mercado para determinar o comportamento esperado dos ativos do portfólio, dando pesos maiores para os eventos mais recentes. Soma das exposições é superior ao resultado total por conta do efeito da diversificação.

Por que Itaú Janeiro Multimercado?

Equipe experiente, formada por profissionais altamente qualificados, com histórico de alpha comprovado.

Potencial de retornos consistentes no longo prazo, impulsionados por uma análise macroeconômica detalhada, acompanhamento de indicadores técnicos e análise da origem dos resultados.

Alocação eficiente do risco, com monitoramento constante da dinâmica de mercado e posicionamento técnico.



Diversificação da carteira

Por que Itaú Asset?

A maior gestora privada de recursos do Brasil, com + de R\$1 tri sob gestão e uma estrutura integrada para a gestão eficiente de investimentos.

+ de **2,6 mi**
clientes⁶

+ de **60**
anos em gestão
de investimento⁸

+ de **300**
profissionais⁷

15x
A melhor gestora de
fundos pelo Guia de
Fundos FGV⁹



Pesquisa
Econômica



Pesquisa
Quantitativa



Portfolio
Analytics



Trading



Integração ESG



Operações

Por que investir em fundos multimercado?

Estratégia adaptável a diferentes cenários de mercado, com uma gestão ativa capaz de responder rapidamente às mudanças de ciclos econômicos.

Características

Volume Global Mínimo	Taxa Total Máxima	Horário para Movimentação
R\$ 1,00	2,00% ao ano	Até às 15:00
Classificação Tributária	Taxa de Performance	Aplicação e Resgate
Longo Prazo Sem Compromisso	20% sobre o que exceder 100% do CDI	Cota de aplicação: D+0
Patrimônio Líquido Médio	Público Alvo	Cota de Resgate (dias úteis): D+21
Últimos 12 meses	Público Em Geral	Crédito do Resgate (dias úteis após cotização): D+1
R\$ 1.205.138.213,17		

Taxas do produto

	Administração	Custódia	Distribuição	Gestão
Taxa cobrada ao ano	0,05%	0,05%	0,40%	1,50%
Taxa máxima ao ano	0,05%	0,05%	0,40%	1,50%

O fundo poderá, eventualmente, apresentar indisponibilidade, permanente ou temporária, de acesso por parte de investidores. Em caso de dúvidas, consulte seu gerente de relacionamento

Acesse outros documentos relevantes deste fundo: www.itaú.com.br/investimentos-previdencia/fundos/informacoes-cotistas/

Glossário: LF - Letra Financeira. CDB - Certificado de Depósito Bancário. LSF - Letra Financeira Subordinada. LFSN - Letra Financeira Elegível - Nível II. DEB - Debentures. NP - Notas Promissórias. CCB - Cédula de Crédito Bancário. FIDC - Fundo de Investimento em Direitos Creditórios. DPGE - Depósito a Prazo com Garantia Especial. Debentures Conversível. Certificado de Recebíveis Imobiliários. LC - Letra de Câmbio. LCA - Letra de Crédito Agrícola. LCI - Letra de Crédito Imobiliário. DEB COMP - Debênture Compromissada. CDB Vinc - Certificado de Depósito Interbancário Vinculado. CRI - Certificado de Recebíveis Imobiliário. CDCA - Certificado de Direitos Creditórios do Agronegócio. CPR - Contas a Pagar e Receber. DPGE - Depósito a Prazo com Garantia Especial. COMPR - Operação Compromissada. LH - Letra Hipotecária. TERMO - Contrato a Termo



Signatory of:



Informações relevantes

ITAÚ JANEIRO MULTIMERCADO FUNDO DE INVESTIMENTO FINANCEIRO DA CLASSE DE INVESTIMENTO EM COTAS RESPONSABILIDADE LIMITADA CNPJ 52.116.227/0001-09 - 30/09/2026

Este fundo possui lâmina de informações essenciais, podendo esta ser consultada no seguinte endereço eletrônico www.itaú.com.br. Não há garantia de que este fundo terá o tratamento tributário para fundos de longo prazo. Os rendimentos serão tributados semestralmente, no último dia útil dos meses de maio e novembro, à alíquota de 15%. No momento do resgate, será aplicada a alíquota complementar em função do prazo da aplicação: até 180 dias, 22,5%; de 181 a 360 dias, 20%; de 361 a 720 dias, 17,5%; acima de 720 dias, 15%. Haverá cobrança de IOF regressivo no caso de resgates de aplicações com menos de 30 dias. Público alvo: O FUNDO, a critério do ADMINISTRADOR, receberá recursos de fundos de investimento, pessoas físicas e jurídicas, clientes do ADMINISTRADOR, do GESTOR ou de controladas, direta ou indiretamente, pela Itaú Unibanco Holding S.A. Objetivo do fundo: O objetivo do FUNDO é aplicar seus recursos em cotas de fundos de investimento de diversas classes, os quais investem em ativos financeiros de diferentes naturezas, riscos e características, sem o compromisso de concentração em nenhum ativo ou fator de risco em especial, observado que a rentabilidade do FUNDO será impactada em virtude dos custos e despesas do FUNDO, inclusive taxa de administração. Tipo Anbima: MULTIMERCADOS LIVRE - Fundos que são baseados nas estratégias preponderantes adotadas e suportadas pelo processo de investimento adotado pelo gestor como forma de atingir os objetivos e executar a política de investimentos dos Fundos. Fundos que não possuem obrigatoriamente o compromisso de concentração em nenhuma estratégia específica. Início do fundo em: 29/09/2023. Fonte de dados do material: Itaú Asset Management. Material de divulgação do fundo - A Itaú Asset Management (ITAÚ UNIBANCO ASSET MANAGEMENT LTDA., CNPJ 40.430.971/0001-96) é a gestora de fundos de investimento do conglomerado Itaú Unibanco. Leia a lâmina de informações essenciais, se houver, e o regulamento antes de investir. Rentabilidade passada não representa garantia de rentabilidade futura. A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. Fundos de investimento não contam com garantia do administrador, do gestor, de qualquer mecanismo de seguro ou fundo garantidor de crédito - FGC. Para obter mais informações, entre em contato pelo telefone 4004-4828. Consultas, sugestões, reclamações, críticas, elogios e denúncias, utilize o SAC: 0800 728 0728, todos os dias, 24 horas, ou o canal Fale Conosco (www.itaú.com.br). Se necessário contate a Ouvidoria Corporativa Itaú: 0800 570 0011 (em dias úteis das 9h às 18h) ou Caixa Postal 67.600, CEP 03162-971. Deficientes auditivos ou de fala, todos os dias, 24 horas, 0800 722 1722.